

Publicado: 26/04/18 - 13h 11min | Atualizado: 04/05/18 - 17h 54min

## Zelito Viana, o engenheiro que se tornou o 'Dr. Fantástico' de Glauber Rocha

Cineasta, que completa 80 anos, produziu filmes como 'Terra em transe' e dirigiu 'Morte e vida Severina' e 'Ávaeté'. Na TV, comandou 'Chico total' e fez programas do PCB

Ana Cristina Tavares\*

Engenheiro formado, Zelito Viana escolheu o cinema quando, em 1964, seu colega de turma na Escola Nacional de Engenharia Leon Hirzman o convidou para trabalhar como produtor. Logo ele ganharia de Glauber Rocha o apelido de Dr. Fantástico, em referência a um filme do cineasta Stanley Kubrick, diretor do icônico "2001, uma odisseia no espaço" (1968), por sua capacidade de inventar soluções inimagináveis para os problemas mais simples.

Figura de destaque no Cinema Novo, Zelito Viana deixou a sua marca em filmes memoráveis na década de 60. Entre os seus trabalhos estão a produção do premiado "Terra em transe" (1966), de Glauber Rocha, e "A grande cidade" (1966), de Cacá Diegues.

O cineasta, batizado como José Viana de Oliveira Paula, nasceu em Fortaleza, em 5 de maio de 1938. Aos 4 anos, ele deixou o Ceará e veio com a família, os pais e os quatro irmãos, para o Rio de Janeiro, passando a viver no bairro de Laranjeiras. Logo depois se mudou para a Rua Marechal Pires Ferreira, no Cosme Velho. Filho de Francisco Anysio de Oliveira Paula e de Haydee Viana, Zelito tem a arte correndo nas veias da família: é irmão do comediante Chico Anysio (1931-2012) e da atriz e comediante Lupe Gigliotti. É tio da atriz e diretora Cininha de Paula, do roteirista e ator Bruno Mazzeo e do comediante Nizo Neto. Zelito casou-se em 1961 com a produtora Vera de Paula, com quem tem dois filhos, o ator Marcos Palmeira e a diretora de cinema Betse de Paula.

Como produtor, Zelito estreou nas telas de cinema com "Menino do engenho" (1963), dirigido por Walter Lima Júnior. Em junho de 1965, conforme reportagem do GLOBO de 10 de maio de 2015, funda com um grupo de jovens realizadores, entusiastas do movimento cinemanovista, a Produções Cinematográficas Mapa Ltda, que depois atenderia pelo nome de Mapa Filmes. Ela é responsável, além de "A grande cidade" e "Terra em transe", por filmes como "Cabra marcado para morrer" (1984), de Eduardo Coutinho. A produção, interrompida em 1964 pelo governo militar, foi retomada 17 anos depois.

Muitos dos filmes da Mapa Filmes representaram o país em importantes festivais e saíram premiados, como "O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro" (1969), de Glauber, vencedor do prêmio de direção no Festival de Cannes. Ainda de acordo com O GLOBO de 10 de maio de 2015, ao longo das décadas, a Mapa perdeu seus sócios originais e diversificou suas atividades para se adaptar aos altos e baixos do audiovisual brasileiro — já produziu comerciais, especiais, como "Lambada", séries, como "Confissões de adolescente", para a TV aberta e, mais recentemente, programas para canais por assinatura.

Com o crepúsculo do Cinema Novo, Zelito produziu outras obras empenhadas em revelar dados da realidade, como "Cabeças cortadas" (1970) e "Na boca da noite" (1971), mas só em 1970 passou para trás das câmeras e iniciou a carreira de diretor, com as comédias "Minha namorada", esta com roteiro próprio, co-direção de Armando Costa, e "O doce esporte do sexo" (1971), que teve como protagonista seu irmão, Chico Anysio. Já o filme de época "Os condenados" (1975), uma das mais importantes experiências como diretor, baseado no romance de Oswald de Andrade, conquistou o prêmio de Melhor Diretor em Nova Dheli, na Índia, Salva de Prata, em Portugal e Selecionado Mostra New Directors, no Festival de Nova York.

Nesse novo período, Zelito passa a trabalhar para a Embrafilme com Roberto Farias, e lá começa a fazer política de cinema. Em 1977 terminou o filme “Morte e vida severina”, que ganhou o Margarida de Prata, como Melhor Filme. A edição do jornal de 10 de maio de 1977 mostra que “Morte e vida severina” ia ser um programa de televisão. A TV Globo convidou o diretor para planejar um caso especial, e Zelito sugeriu a obra, afirmando que, “apesar de ser um poema escrito em 1948, ele permitia colocar em discussão a realidade brasileira”.

Em 1979, ele lança o filme “Terra dos índios”, dirige o programa de TV “Chico total” e torna-se diretor da Globo Vídeo, onde acabaria comandando, também, a transmissão do desfile das escolas de samba de 1986 e 1987. Retorna ao cinema em 1985, com “Avaeté – semente da vingança”, que ganhou Medalha de Prata em Moscou. Ganhou ainda o Melhor Filme no Festival de Tróia, em Portugal. Nele, Zelito não descarta a política. O filme retrata a história verdadeira de uma tribo massacrada por uma expedição no Mato Grosso, em 1962.

Conforme reportagem do jornal de 9 de abril de 1985, a ideia de fazer “Avaeté” surgiu quando Zelito realizava “Terra dos índios”, em 1978. O diretor afirma que sua vida “mudou totalmente” depois daquele filme e cita uma frase do antropólogo Darcy Ribeiro: “Ninguém visita uma aldeia indígena impunemente”.

Nos anos 1980, Zelito dirige, também, programas políticos relevantes. Entre eles o Programa do Partido Comunista Brasileiro (PCB) para a TV aberta (1988) e as campanhas de Marcelo Cerqueira (à época do PSB e, posteriormente, no PPS) à Prefeitura do Rio de Janeiro (1984) e de Roberto Freire (PCB à época e, depois, PPS) à Presidência da república, em 1989, na primeira eleição direta após o golpe de 1964.

Depois desses trabalhos, o cineasta só tornou a dirigir um filme após uma década, quando realizou a cinebiografia “Villa-Lobos - uma vida de paixão” (2000). A produção é inspirada na vida e obra do maestro e compositor brasileiro. Em 2009 lança o longa-metragem “Bela noite para voar”, sobre o ex-presidente Juscelino Kubistchek. Em 2011, Zelito realiza o documentário “Augusto Boal e o Teatro Oprimido”, relembrando os feitos estéticos e éticos do dramaturgo e diretor teatral, morto em 2009.

---